**Uma imagem com texto, livro

Descrição gerada automaticamente**

**I. RITOS INICIAIS**

**Procissão de entrada | Saudação inicial**

P.O Deus da esperança que, pela ação do Espírito Santo, nos alegra com a sua paz, esteja convosco!– cf. Missal, 3.ª edição, p. 479

**Monição inicial**: P. Este é já o VI Domingo da Páscoa. À medida que a Páscoa se intensifica, o Espírito Santo une-Se à Igreja, para lhe ensinar todas as coisas e recordar tudo quanto Jesus nos disse e ensinou. No princípio, como agora, a Igreja não tem um livro de receitas para resolver cada problema, para enfrentar cada nova situação. Jesus deixou-lhe apenas o Evangelho e o Espírito Santo. E nós, à luz do Evangelho, sob a inspiração do Espírito Santo, é que havemos juntos de encontrar e fazer o caminho. Em tempo de processo sinodal, escutemos com particular atenção a experiência da Igreja primitiva, que nos é transmitida no livro dos Atos dos Apóstolos.

**Aspersão da água batismal** – cf. Missal, 3.ª edição, p. 486 ss

P. Ontem, como hoje e sempre, o Espírito e a Esposa (a Igreja), numa só voz, dizem ao Senhor: “*«Vem!». E aquele que ouvir, diga: «Vem». Quem tem sede, venha; e quem a deseja, receba de graça a água da vida*” (*Ap* 22,17.20), aquela água do Batismo, que nos regenerou para a vida eterna, fez de nós filhos de Deus e membros da Igreja. Façamos memória viva do Batismo, neste gesto de aspersão da água batismal.

**Cântico | Hino do Glória** – cf. Missal, 3.ª edição, p. 492

**Oração coleta** – cf. Missal, 3.ª edição, p. 390

**II. Liturgia da Palavra**

*Nas Missas com Catequese, optaremos pela forma mais breve da 1.ª e da 2.ª leituras.*

**HOMILIA NO VI DOMINGO DA PÁSCOA C 2022** – 1 – Na perspetiva sinodal

1. A *Carta*, recolhida no livro dos Atos dos Apóstolos (At 15,21-24), é um texto inspirador para uma Igreja em processo sinodal. É uma *Carta Pastoral* que resulta do primeiro *Concílio* da Igreja em Jerusalém, ou, se quiserem, daquela primeiríssima *Assembleia sinodal*. De que trata esta Carta afinal? Trata da resposta a uma pergunta: “*Os pagãos, estranhos à religião judaica, que se convertiam à fé cristã, teriam de cumprir as práticas antigas dos judeus, como a da circuncisão, para serem salvos*” (At 15,1)? E, para responder a esta problemática, a Igreja não tem à mão um Código de Direito Canónico, com receitas detalhadas. Jesus deixou-nos apenas o ***Espírito Santo e nós*** (At 15,28), para discernirmos, em cada situação, à luz do **Evangelho**, a vontade de Deus.

2. Desta Carta, fruto da experiência pastoral, aprendemos três elementos essenciais para um *Igreja* sinodal, onde todos caminham juntos: *a humildade da escuta, o exercício do discernimento, com a coragem da renúncia e da novidade.*

2.1. **A *humildade da escuta:***nesta assembleia sinodal, cada um deixa o outro falar e está disponível para mudar as suas próprias convicções. Só sabe ouvir quem deixa que a voz do outro entre verdadeiramente em si. E quanto mais cresce o interesse pelo próximo, mais aumenta o desinteresse por si mesmo. A humildade nasce quando, em vez de falar, ouvimos; quando deixamos de estar no centro. É por esta vereda de caridade que o Espírito desce e orienta. Isto implica, por exemplo, começar por *ouvir os pequeninos*, como era o caso de Barnabé e Paulo. Tinham chegado por último à Igreja apostólica, mas os «*mais velhos*», os que foram chamados diretamente por Jesus, deixavam-nos referir tudo o que Deus realizara por meio deles. É sempre importante *ouvir a voz de todos*, especialmente dos pequeninos e dos últimos e até dos chamados da última hora…

2. Esta escuta comum é fundamental para o exercício do discernimento, em dois sentidos, a saber: Primeiro: *esta novidade na vida da Igreja representa o vinho novo, que vem do Espírito Santo, ou é uma novidade enganadora que provém do espírito deste mundo* (cf. GE 166; 168)? Segundo: *uma tal resistência em manter práticas antigas não virá das forças do mal, que sempre nos induzem a não mudar, a deixar as coisas como estão, a optar pelo imobilismo e pela rigidez e, assim, a impedir que atue o sopro do Espírito Santo?* No discernimento, examina-se tudo, à luz do Senhor: o que há dentro de nós – *desejos, angústias, temores, expetativas* – e o que acontece fora de nós – *os «sinais dos tempos»* –, para se encontrar os caminhos da liberdade plena. A máxima do discernimento é esta: «*examinai tudo e guardai o que é bom*» (1 Ts 5, 21). Aqui, por exemplo, vemos bem como Paulo e Barnabé narram experiências, não partem de ideias feitas ou fixas. Fazem o discernimento, não à secretária e diante do *computador,* mas focados nas pessoas, sempre à luz do Evangelho. As pessoas, tal como o Evangelho, estão antes das leis, dos costumes e dos programas!

2.3. **Daí *a coragem da renúncia e da novidade.***Para os primeiros cristãos *o anúncio* do Senhor vem antes de tudo e vale mais do que tudo. Também nós precisaremos de renunciar a nós mesmos e a tanta tralha, a tanta artilharia beata, a tanta quinquilharia devota, a tantas *tradições*, que impedem ou atrapalham o anúncio, a celebração e a vivência do Evangelho! Já não bastam mudanças cosméticas, em que se finge mudar algo para que nada mude, como quem enverniza madeira podre. A reforma fundamental é a do Evangelho, é sair de si mesmo ao encontro dos outros!

3.***Este processo faz-se em conjunto.***Na Igreja ninguém sabe tudo, ninguém tem o *conjunto dos carismas,* mas cada qual dispõe do *carisma do conjunto.* E assim a unidade predomina sobre as diferenças. Para cada um, em primeiro lugar, não estão as próprias preferências nem estratégias, mas o ser e o sentir-se Igreja de Jesus, reunida em volta de Pedro, na caridade que não cria uniformidade, mas comunhão*.* Estes primeiros cristãos tinham sensibilidades e orientações diferentes, e também personalidades fortes, mas tinham a força de se amar muito no Senhor.

4. Assim, queridos irmãos e irmãs: *permanecer no Seu amor* é a única forma de sermos diferentes, sem deixarmos de caminhar juntos, como amigos do Senhor. É assim mesmo que se constrói a sua Igreja, pondo em prática o que nos disse o Senhor: “*Permanecei no Meu amor*” (Jo 15,9).

**HOMILIA NO VI DOMINGO DA PÁSCOA C 2022** – 2 – na perspetiva da Paz

*“Deixo-vos a Paz. Dou-vos a minha Paz. Não como o mundo vo-la dá”*(Jo 14,27)**!**

**1.** Esta Paz, dom do Ressuscitado, fruto do Espírito Santo, não é uma simples trégua no meio do combate. Essa Paz não é tampouco a manutenção de uma ordem tranquila. Essa Paz é o próprio Cristo, que continuará vivo e presente, oculto mas atuante. Jesus comunica aquela Paz, capaz de vencer toda perturbação, temor e inquietude. A paz que Jesus nos dá, na Sua Páscoa, não é a paz do mundo, alcançada através da força, da conquista ou de várias formas de imposição. Essa paz, na realidade, é apenas um intervalo entre guerras. A paz que Jesus Ressuscitado nos traz não é fruto de algum compromisso diplomático; ela nasce do dom de Si mesmo. Esta Paz, mansa e corajosa, que não acusa nem se vinga da morte é-nos difícil de aceitar, de acolher, de praticar. Esta paz de Jesus não domina os outros, nunca é uma paz armada: nunca! As armas do Evangelho, que Jesus nos ensinou a usar, da sua Paixão à gloriosa Ressurreição, são a oração, a ternura, o perdão e o amor gratuito ao próximo, o amor a todos, o amor aos inimigos, o amor capaz de reconstruir e de reconciliar. Esta é a forma de trazer a Paz de Deus ao mundo. É por isso que a agressão armada destes dias, na Ucrânia. como qualquer guerra, representa um ultraje contra Deus, uma traição blasfema ao Senhor da Páscoa, preferindo ao seu rosto manso a figura do falso deus deste mundo. A guerra é sempre uma ação humana para levar à idolatria do poder, seja ele de quem for.

**2.** Irmãos e imãs: A Paz é, sem dúvida, uma aspiração radical, que se encontra no coração de cada um. Precisa de Paz o nosso coração, quantas vezes ferido, órfão, magoado, triste, desamparado. Pode acontecer que alguém se sinta perseguido por doenças, pela agrura da pobreza, pela amargura da sua sorte ou da morte de um ente querido. Então «*se queres a Paz, deixa-te consolar pelo Espírito Santo, cujo suave murmúrio ressoa bem dentro de ti. Fala com o teu Deus, a partir do lugar onde Deus te habita. É o seu Amor que te dá a paz*»! No meio da prova, Deus exige de nós uma garantia de confiança. Se arriscarmos esta confiança, poderemos encontrar grande felicidade e a Paz verdadeira, virá ao nosso encontro, justamente no meio da grande escuridão. De Paz precisa também este nosso mundo, dilacerado por uma guerra seque imaginável; por vezes, parece um mundo perdido e dominado, pelo poder do mal, do egoísmo e do medo. O nosso mundo aspira verdadeiramente à Paz de Jesus: «*uma Paz sem vencedores e sem vencidos*» (Sophia M. Breyner).

3. Rezemos sempre pela Paz. Rezemos para que a guerra termine também dentro de nós e com quem nos rodeia, para que a nossa resposta ao mal seja sempre o bem. Rezemos para alcançar do Senhor um coração novo, que as nossas mãos são incapazes de criar. Rezemos para nos colocarmos do lado de Deus e da Paz que Ele deseja. Rezemos para exercitarmos e alcançarmos a confiança que nos faz manter de pé, mesmo quando a nossa vida ou à vida à nossa volta são abaladas. Rezemos, neste mês, com Maria, porque Ela acompanha-nos continuamente nesta luta pela Paz, com a coragem e a confiança, de que «*o Príncipe deste Mundo*», não vencerá, o mal não prevalecerá. Ela permite-nos avançar mesmo quando surge o fracasso!

4. Rezemos com o Papa Francisco, na sua recente oração de consagração da Rússia, da Ucrânia e do mundo ao Imaculado Coração de Maria:

*“Maria, Estrela do Mar, não nos deixeis naufragar na tempestade da guerra. Maria, arca da nova aliança, inspirai projetos e caminhos de reconciliação. Maria, «terra do Céu», trazei de volta ao mundo a concórdia de Deus. Apagai o ódio, acalmai a vingança, ensinai-nos o perdão, libertai-nos da guerra, preservai o mundo da ameaça nuclear. Mulher do sim, sobre Quem desceu o Espírito Santo, trazei de volta ao nosso meio a harmonia de Deus. Tecestes a humanidade para Jesus, fazei de nós artesãos de comunhão. Caminhastes pelas nossas estradas, guiai-nos pelas sendas da paz. Ámen”.*

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C**

3 – Na perspetiva mariana

**1.º ano | Grupo Ana Luísa | Entrega da Ave-maria**

**1.** Com uma casa, do tamanho do mundo, Deus procura, em nós, a sua morada! Aquele que veio habitar, entre nós, quer agora morar bem dentro de nós. Quer hospedar-se, no coração de cada um. Está à porta e bate, para entrar no mais íntimo de nós mesmos! E só pede para Lhe abrirmos, de par em par, todas as portas, para acolhermos a Sua presença e proximidade, e assim conhecermos, na intimidade, a beleza do Seu grande amor por nós. Ele quer, por isso, habitar em nós, e quer-nos habitados n’Ele! Quer fazer de nós o templo vivo da sua morada, quer iluminar-nos, bem por dentro, com a intensa luz da sua Palavra e com o fogo do seu amor. Talvez Ele não encontre em nós, mais do que um simples casebre, mas, ainda assim, contenta-se com a pobreza da nossa hospitalidade!

**2.** Para que o Amor do Pai e do Filho possa estabelecer, em nós, a sua morada, precisamos então simplesmente de abrir as portas, todas as portas que há no nosso coração e, que tantas vezes, estão blindadas, trancadas ou obstruídas, pela perturbação, pelo medo, pela inquietação, pela ansiedade, pelo egoísmo e por tantas coisas, que nos encerram dentro do nosso próprio mundo. Mas Ele mesmo indica-nos hoje duas chaves, para abrir, nos corações, a porta da fé. No Evangelho de hoje, estas chaves são a *Palavra e o Amor*. São, ao fim e ao cabo, duas faces da mesma realidade, pois *Aquele que O ama guardará a sua Palavra*!

**3.** Neste domingo de maio, com a Entrega da Ave-maria, olhemos para Maria: Ela traz nas mãos estas mesmas chaves, para nos ajudar a abrir nos corações a porta da fé! Maria acolhe, com alegria, a Palavra semeada no seu coração, quando diz, na anunciação: «*faça-se em mim segundo a Tua Palavra*» (Lc 1,38). Mais, esta Palavra faz morada em seu coração! E, mesmo depois de dar à luz, Maria “guardava” esta Palavra, aliás, ponderava, meditava, relacionava, dialogava, dentro de si mesma, com todas as palavras e acontecimentos, que diziam respeito a Jesus (Lc 2,19.51). Maria é verdadeiramente “*a casa dos segredos*” de Jesus, a arca de todas as suas recordações. Ela é, por assim dizer, o álbum de recordações de Jesus, a memória viva da Igreja.

**4.** Como Maria, cada mãe, cada pai, guardará, por certo, a história mais bela de cada Filho. Mas, como Maria, cada mãe cristã, cada pai cristão, deve guardar também, no coração, a Palavra de Jesus, para a ensinar e recordar aos próprios filhos! Quem dera que os filhos pudessem beber, com o leite materno e com a carícia do pai, a doçura e a ternura do amor de Deus. Quem dera que os filhos pudessem aprender a soletrar as palavras do Evangelho, nas vossas canções de embalar! De modo, que no colo de Sua mãe, nos braços de seu pai, cada um aprendesse, a confiar-se e a entregar-se a Deus, numa entrega filial e amorosa, que dá alegria e paz ao coração. Por isso, [em vez do Credo e Oração dos Fiéis] rezemos juntos:

*Senhor Jesus:*

*Que o Espírito do Teu Amor*

*nos habite e faça de nós a Sua morada*

*como o fez no seio de Maria.*

*Que o Espírito do Teu Amor*

*leve ao nosso coração*

*e grave na nossa mente*

*cada palavra do Teu Evangelho,*

*como em Maria, que guardava*

*todas as palavras no Seu coração.*

*Que o Espírito do Teu Amor,*

*pela oração diária da Ave-maria,*

*nos liberte do medo, nos dê a Paz e a alegria. Ámen.*

**Profissão de Fé**

P. Credes em Deus, nosso Pai, que vos ama e vos habita?

R. **Sim, creio!**

P. Credes em Jesus Cristo, Palavra eterna de Deus, que Se fez Carne no seio da Virgem Maria?

R. **Sim, creio!**

P. Credes no Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, vosso Mestre interior e memória viva de Cristo, no caminho diário?

R. **Sim, creio!**

P. Credes na Santa Igreja, imagem histórica da Jerusalém celeste, antecipação da cidade santa, resplandecente da glória de Deus?

R. **Sim, creio!**

P. Credes na Vida eterna, na cidade santa, que não precisa não precisa da luz do sol nem da lua, porque a glória de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro?

R. **Sim, creio!**

**Oração dos Fiéis**

P. Impelidos pelo Espírito Santo, confiamos a Deus, nosso Pai, por meio de Seu Filho, morto e ressuscitado, as preces da Sua Igreja, rezando (cantando):

R. **Dai-nos, Senhor, a vossa Paz.**

1. Pela Igreja, em processo sinodal: para que cresça e permaneça no amor de Cristo, mediante a escuta, o discernimento e a decidida coragem de escolher a novidade do Evangelho. Invoquemos. R.
2. Pelos que governam: para que saibam escutar os anseios de paz e de justiça, o clamor dos pobres, o gemido dos que sofrem, para construirmos juntos um mundo livre, pacífico, justo e solidário. Invoquemos. R.
3. Pelas vítimas da violência, da intolerância, do terrorismo e da guerra, especialmente pelos que lutam pela Paz na Ucrânia e em outras partes do mundo: para que não lhes falte a sabedoria e a fortaleza do Espírito Santo Paráclito. Invoquemos.
4. Por todas as pessoas que carregam o fardo da doença, do desemprego, da doença, do luto e da solidão: para que se deixem iluminar pela luz do Cordeiro, Cristo morto e ressuscitado e n’Ele ponham a sua confiança. Invoquemos. R.
5. Por todos nós: para que trabalhemos juntos pela paz, nas nossas famílias e nos diversos mundos das nossas relações humanas, sociais e laborais, fazendo das diferenças um caminho de enriquecimento mútuo. Invoquemos. R.

P. Ó Deus, que fazeis de nós a Vossa morada, concedei-nos, pela ação do Espírito Santo em nós, os dons da alegria, do amor, da sabedoria e da paz. Por Cristo, nosso Senhor. R. Ámen.

**Oração pelo Sínodo – na conclusão** (ou em vez) **da Oração dos Fiéis**

– no caso de se fazer a homilia em perspetiva sinodal (esquema 1)

P.Irmãos e irmãs: neste domingo, em que a Palavra de Deus nos inspira um caminho de escuta recíproca, de discernimento e de coragem para ousar a novidade, rezemos juntos a oração que acompanha a Igreja, neste processo sinodal:

(seguir pagela ou texto na tela)

Eis-nos aqui, diante de Vós, Espírito Santo!

Eis-nos aqui, reunidos em vosso nome!

Só a Vós temos por Guia:

vinde a nós, ficai connosco,

e dignai-vos habitar em nossos corações.

Ensinai-nos o rumo a seguir

e como caminhar juntos até à meta.

Nós somos débeis e pecadores:

não permitais que sejamos causadores da desordem;

que a ignorância não nos desvie do caminho,

nem as simpatias humanas

ou o preconceito nos tornem parciais.

Que sejamos um em Vós,

caminhando juntos para a vida eterna,

sem jamais nos afastarmos da verdade e da justiça.

Nós vo-lo pedimos

a Vós, que agis sempre em toda a parte,

em comunhão com o Pai e o Filho,

pelos séculos dos séculos.

Ámen.

**Liturgia Eucarística**

Apresentação dos dons. Cântico de ofertório.

Oração sobre as oblatas – Missal, 3.ª edição, p. 390

Prefácio Pascal II – Missal, 3.ª edição, p. 544

Oração Eucarística II – Missal, 3.ª edição, p. 658 ss

Ritos da Comunhão – Missal, 3.ª edição, p. 690 ss

**Pai-Nosso** - Missal, 3.ª edição, pág. 691 *|* **Embolismo** *|* **Rito da Paz**

**Fração do Pão - Cordeiro de Deus** (cantado)

**Convite para a Comunhão:** - Missal, 3.ª edição, pág. 695

P.Felizes os convidados para o banquete nupcial do Cordeiro. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!R.Senhor, eu não sou digno…

**entrega da Ave-Maria durante a comunhão**

Catequista:Ao longo dos vários domingos deste mês de maio, mês de Maria, entregamos às crianças do 1.º ano a tão bela oração da Ave-Maria. Com esta oração, aprendemos de Maria a bendizer o nome de Jesus, que é o fruto bendito do Seu ventre. A repetição da Ave-maria, na oração do rosário é uma forma de dizermos e bendizermos, vezes sem conta, o nome de Jesus e assim Lhe agradecermos o Seu amor por nós. Quantas mais vezes repetirmos a Ave-maria, mais depressa o nosso coração alcançará a paz e a a paz chegará ao coração do mundo. Em tempo de guerra e de luta, a oração é a arma que nos desarma e nos dá a Paz.

Pároco: Às crianças do 1.º ano entregaremos agora oração da Ave-maria. Às mães destas crianças, entregaremos uma pequena recordação mariana e uma dezena, que corresponde às dez Ave-marias de um mistério do rosário. Pedimos que as crianças se perfilem, como para a comunhão e, se possível, venham acompanhadas das suas mães ou por quem, porventura, aqui e hoje as representar. Direi às crianças e às mães: “Com Maria, louvai e bendizei o nome do Senhor” a que responderão conjuntamente “**Ave, Maria**”!

Pároco: **Com Maria, louvai e bendizei o nome do Senhor!**

Criança do 1.º ano e sua mãe: **Ave, Maria!**

**Cântico de Comunhão | Cântico de Ação de Graças |**

**Oração pós-comunhão** - Missal, 3.ª edição, pág. 390

**Ritos Finais**

**Agenda Pastoral | Bênção | Despedida**

Diácono:Anunciai o Evangelho do Senhor. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

**R.** Graças a Deus.

**Cântico final**

****

**Oração para a bênção da mesa | 22.05.2022**

Senhor Jesus Ressuscitado:

Que o Espírito do Teu Amor

nos habite e faça de nós a Sua morada.

Que o Espírito do Teu Amor

nos leve ao coração e grave na mente

cada palavra do Teu Evangelho.

Que o Espírito do Teu Amor

nos liberte do medo e nos dê a Paz.

Faz, Senhor, desta refeição partilhada,

encontro na alegria da comunhão,

à imagem do banquete celeste,

que neste Domingo, que é o teu dia,

sempre nos preparas e ofereces

na mesa sagrada da Eucaristia.

**OUTROS TEXTOS E HOMILIAS**

**VI DOMINGO DA PÁSCOA C**

**Homilia – Missa com a Catequese**

**VI Domingo da Páscoa C 2019**

***Há mais em nós!***

1. Jesus está a despedir-se dos seus discípulos! Com a sua morte e ressurreição, Jesus parte para o Pai. E promete voltar, no final dos tempos! Entretanto, entre a primeira e a última vinda, está o nosso tempo, o tempo da Igreja. E nós perguntamo-nos então: Jesus partiu para o Pai? Sim. Jesus desapareceu do mapa? Não. Jesus mudou-se de planeta? Não. Deixou substitutos? Não.
2. E então onde estão agora *o Pai e o Filho*, onde moram? Moram no céu? Não. Na verdade, moram em nós e moram entre nós. Quando «eu e tu»… somos mais do que «tu e eu»… quando um e outro são mais que dois, então tornamo-nos um “nós”. O amor que nos une, o amor que nos liga, esse «nós» é o Espírito Santo. O laço de amor que nos liga é o Espírito Santo. Vede: o Espírito Santo é o Amor entre o Pai e o Filho. E esse Amor divino vem morar em nós; esse Amor é que faz com que sejamos família, vivamos em comunhão, sejamos comunidade de amor.
3. Como se diz em certa publicidade “*há mais em nós*”… quando «nós» nos deixamos ligar por este amor, que é o Espírito Santo. Por isso, os apóstolos não se sentiam sós, nem sequer achavam que estavam a fazer “as vezes” de Jesus ou a subtituí-l’O. Não. Eles chegam a dizer “*O Espírito Santo e nós*”… como quem diz *“O Espírito Santo em nós*” é que faz tudo. Sim. Espírito Santo não faz nada sem nós. Mas nós também não somos «nós» nem fazemos nada sem Ele.
4. Que faz então em nós e por nós o Espírito Santo? Jesus diz três coisas, muito belas:
   1. Diz que o Espírito Santo, enviado pelo Pai em nome de Jesus, **nos *ensinará todas as coisas***! Ele é o nosso Mestre interior. O Espírito Santo faz com que a Palavra ilumine a nossa mente, o nosso entendimento. Graças a Ele, vamos compreendendo o que Jesus nos quer dizer em cada momento.
   2. Diz que o Espírito Santo, nos ***recordará todas as coisas***. O Espírito Sant desperta a nossa memória de Jesus. Faz com que a Palavra ganhe raízes no nosso coração. Recordar é levar ao coração. O Espírito Santo é a memória viva do amor e da Palavra de Jesus em nós.
   3. Diz muitas vezes que o Espírito Santo é o outro “***Paráclito”***, um advogado de defesa, que se coloca sempre do nosso lado, para nos defender, apoiar, consolar. O Espírito Santo faz com a Palavra de Deus chegue às nossas mãos, às nossas obras, aos nossos gestos e carícias de cada dia.
5. Estamos a caminhar para o Pentecostes, a festa do dom do Espírito Santo. Invoquemos o Espírito Santo. Chamemo-l’O para dentro de nós. Deixemo-l’O habitar entre nós. Para podermos amar Jesus e guardar a Sua Palavra. Guardar a Palavra é deixar que ela passe da inteligência ao coração e do coração às duas mãos. E quando o Espírito Santo nos habita e habilita, então sim, “há mais em nós”. E a comunicação é perfeita.

**Homilia no VI Domingo da Páscoa C 2019**

**1.** É a primeira crise de crescimento, numa Igreja que acabava de nascer! O Apóstolos e os anciãos reuniram-se para examinar um assunto que dividia a primitiva Igreja! Tratava-se de saber se era legítimo impor aos pagãos, convertidos ao cristianismo, a observância da lei de Moisés. Para resolver a contenda não houve um referendo, uma votação. Mas organizou-se o *concílio de Jerusalém*, para rezar juntos, para escutar em comum, para ouvir o que o Espírito Santo tinha a dizer à Igreja, segundo a sensibilidade e a experiência de cada um. A primeira leitura transcreve-nos a decisão final, com uma dupla interessante, no remetente da famosa Carta: “*O Espírito Santo e nós*” (*At* 15,28). Este é o método, e por esta ordem, com o qual deveríamos discernir e agir na Igreja, tanto nas pequenas como nas grandes decisões: “*O Espírito Santo e nós*”. Porque só o Espírito Santo nos ensina e nos recorda o essencial; só Ele nos liberta do acessório, do medo e da rigidez, para tornar a Igreja mais aberta, missionária, corajosa e criativa. Mas tenha-se ainda em conta que o aliado ao Espírito Santo não é nenhum iluminado, não é nenhuma pessoa singular, um solitário a decidir. O aliado do Espírito é um «*nós*», é «uma comunidade», porque o Espírito Santo faz a comunhão e é, no seio da comunidade, em clima de oração e de comunhão, que o Espírito Santo Se faz ouvir e sentir. Como seria mais santa a Igreja se aplicasse sempre esta fórmula pastoral: “*O Espírito Santo e nós decidimos*” (*At* 15,28).

2. Há, na verdade, uma necessidade imperiosa do discernimento na vida comunitária da Igreja e na vida pessoal dos cristãos, sobretudo “*quando aparece uma novidade e é preciso discernir se isso é o «vinho novo» que vem de Deus ou uma novidade enganadora do espírito do mundo. Noutras ocasiões sucede o contrário, porque as forças do mal induzem-nos a não mudar, a deixar as coisas como estão, a optar pelo imobilismo e a rigidez e, assim, impedimos que atue o sopro do Espírito Santo”* (GE 168)*.* Hoje em dia, tornou-se particularmente necessária esta capacidade de discernimento, *«porque a vida atual oferece enormes possibilidades de ação e distração, apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas. Todos, mas especialmente os jovens, estão sujeitos a um zapping constante”* (GE 168)*.* E acabamos todos por ficar mais confusos, no meio de múltiplos cenários virtuais, que se colocam ao mesmo tempo à frente dos nossos olhos.E nenhum GPS, nenhum Google ou Wikipédia pode definir a direção justa da nossa vida. *“Sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião”* (GE 167). Por isso, é necessário discernir para decidir e isso supõe o hábito diário de “*examinar tudo o que há dentro de nós – desejos, angústias, temores, expectativas – e o que acontece fora de nós – os «sinais dos tempos», para guardar só o que é bom» (1* Ts *5,21)”* (GE 168).

**3.** Este discernimento, pessoal ou da comunidade, diz respeito tanto aos momentos extraordinários, quando temos de resolver problema graves ou tomar uma decisão crucial, como ao dia a dia, para seguirmos cada vez mais o Senhor. É preciso parar para rezar, para pensar na vida, no que dizer, no que fazer, no que escolher, no caminho por onde avançar. Precisamos da luz do Espírito Santo, que nos ensina e aviva em nós, em cada dia e em cada situação, a memória de Jesus.

**4.** Maria “*guardava todas as coisas em seu coração*” (*Lc* 2,19.51). Ela ensina-nos a não precipitar as nossas decisões, mas a ler a vida toda à luz da Palavra de Deus, a ponderar todas as coisas, as palavras, os sentimentos e os acontecimentos, diante do Senhor. Aproveitemos esta última semana do mês de Maria, para conversar um pouco mais com Nossa Senhora, pois “*conversar com Ela consola-nos, liberta-nos, santifica-nos. A Mãe não precisa de muitas palavras, não precisa que nos esforcemos demasiado para Lhe explicar o que se passa connosco. É suficiente sussurrar uma e outra vez: «Ave Maria...»*” (GE 167), no princípio e no fim do dia.

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C 2016 – Dia da Mãe – Festa da Ave-Maria (1.º ANO)**

**1.** “*Não desprezes nenhum bom conselho”* (Tb 4,18)! E os apóstolos Paulo e Barnabé procuram-no humildemente, para saber o que fazer, diante de uma questão que divide a sua comunidade. Procuram conselho, não em videntes ou cartomantes, que têm resposta para tudo, mas em pessoas sábias, que lhes estão a uma certa distância, mas que guardam a Palavra de Jesus, que rezam sem cessar e que se deixam guiar pelo Espírito Santo! Paulo e Barnabé não esperam dos Apóstolos “*um oráculo*”, uma receita fácil, uma ordem, uma certeza absoluta. Não. Eles sabem-no: “*se uma pessoa tem resposta para todas as dúvidas, então esta é a prova de que Deus não está com ela. Quer dizer, é um falso profeta, que usa a religião em seu proveito*» (Papa Francisco). Do diálogo, do encontro, da oração, da escuta em comum, é que brota uma decisão ponderada, uma proposta sensata, uma bela carta de recomendações.

**2.** Deste modo, os Apóstolos põem em prática os três conselhos de Jesus: o primeiro é *guardar a Sua Palavra*, no coração, para a aplicar no concreto da vida. O segundo é *deixar-se guiar pelo Espírito Santo*, que lhes ensinará e recordará todas as coisas, nos momentos de dúvida e de medo. Esta escuta da Palavra, sob a luz do Espírito Santo, tem lugar na *Oração*. E, por isso, o último conselho é o de sempre: *é preciso rezar*. Sem oração não se pode conhecer verdadeiramente a vontade de Deus a nosso respeito. Ponto!

3. Nesta semana, somos chamados a praticar com alegria esta primeira obra de misericórdia espiritual: “*dar bons conselhos”,* porque *“não dá esmola só quem dá de comer ao faminto e de beber a quem tem sede (…) mas também quem orienta o errante, quem aconselha o que tem dúvidas*» (Santo Agostinho), quem olha para o outro e descobre a sua necessidade de dar orientação e plenitude à própria vida. Não se trata agora de nos armarmos em “*instrutores de condução*” da vida dos outros. A decisão é sempre confiada à responsabilidade de quem pede ajuda. Diz o Papa: “*Somos chamados a formar as consciências e não a pretender substituí-las”* (AL 37; cf. 222; 303). Por isso, o bom conselho não dispensa a avaliação e a decisão pessoais, mas pretende apenas ser uma ajuda à pessoa, de modo a pô-la em contacto com os seus próprios recursos, dos quais deve deitar mão.

**4.** No caminho da vida espiritual, todos precisamos do conselho de uma pessoa prudente (cf. Tb 4,18), de alguém que nos ajude a discernir os nossos pensamentos e sentimentos, as nossas tentações e pecados, as verdadeiras e falsas consolações. “*Através do conselho é o próprio Deus, com o Seu Espírito, que ilumina o nosso coração, fazendo com que compreendamos o modo justo de falar e de nos comportarmos, e o caminho que devemos seguir*” (Papa Francisco, Audiência, 7.5.2014).

**5.** Irmãos: ao darmos início ao mês de maio, neste domingo, em que celebramos o Dia da Mãe, não esqueçamos que todo o discípulo de Jesus tem uma Mãe, Maria, justamente chamada “Mãe do Bom Conselho”. Ela orienta-nos e aconselha-nos, sempre na direção de Jesus: “*Fazei o que Ele (o Meu Filho) vos disser*” (Jo 2,1-11). Um dia, confessou o Papa, veio um jovem falar com ele, cheio de problemas e ter-lhe-á dito: “co*ntei tudo à minha mãe e ela disse-me: «conta isto a Nossa Senhora e Ela dir-te-á o que deves fazer»”.* Eis uma mulher que tinha o dom do conselho! Não sabia como resolver o problema do filho, mas indicou a estrada justa: vai ter com Nossa Senhora e Ela to dirá. Este é o dom do conselho. Aquela mulher humilde, simples, deu ao filho o conselho mais verdadeiro. De facto, o jovem disse depois: “*Olhei para Nossa Senhora e sinto que devo fazer isto, isto e isto*”. Este é o dom do conselho. Vós, mães, tendes este dom, pedi-o para os vossos filhos e para vós. E não tenhais medo de invocar: «Maria, Mãe do Bom Conselho, rogai por nós»!

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C 2013 - Dia da Mãe**

**“Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada!”** (Jo 14,23)

**1.** Com uma casa, do tamanho do mundo, Deus procura, em nós, a sua morada! Aquele que veio habitar, entre nós, quer agora morar bem dentro de nós. Quer hospedar-se, no coração de cada um. Está à porta e bate, para entrar no mais íntimo de nós mesmos! E só pede para Lhe abrirmos, de par em par, todas as portas, para acolhermos a Sua presença e proximidade, e assim conhecermos, na intimidade, a beleza do Seu grande amor por nós. Ele quer, por isso, habitar em nós, e quer-nos habitados n’Ele! Quer fazer de nós o templo vivo da sua morada, quer iluminar-nos, bem por dentro, com a intensa luz da sua Palavra e com o fogo do seu amor. Talvez Ele não encontre em nós, mais do que um simples casebre, mas, ainda assim, contenta-se com a pobreza da nossa hospitalidade!

**2.** Para que o Amor do Pai e do Filho possa estabelecer, em nós, a sua morada, precisamos então simplesmente de abrir as portas, todas as portas que há no nosso coração e, que tantas vezes, estão blindadas, trancadas ou obstruídas, pela perturbação, pelo medo, pela inquietação, pela ansiedade, pelo egoísmo e por tantas coisas, que nos encerram dentro do nosso próprio mundo. Mas Ele mesmo indica-nos hoje duas chaves, para abrir, nos corações, a porta da fé. No evangelho de hoje, estas chaves são a *Palavra e o Amor*. São, ao fim e ao cabo, duas faces da mesma realidade, pois *Aquele que O ama guardará a sua Palavra*! O amor a Cristo não é apenas um sentimento religioso do coração, mas manifesta-se, em primeiro lugar, na escuta e na prática da Sua Palavra. A fé vem, portanto, de ouvir, de acolher, de guardar e de cumprir, esta Palavra de amor, que Ele derrama, pelo Espírito Santo, em nossos corações.

**3.** Neste domingo de maio, não é difícil olhar para Maria, e perceber como Ela traz nas mãos estas mesmas chaves, para nos ajudar a abrir nos corações a porta da fé! Maria acolhe, com alegria, a Palavra semeada no seu coração, quando diz, na anunciação: «*faça-se em mim segundo a Tua Palavra*» (Lc 1,38). Mais, esta Palavra faz morada em seu seio virginal! E, mesmo depois de dar à luz, Maria “guardava” esta Palavra, aliás, ponderava, meditava, relacionava, dialogava, dentro de si mesma, com todas as palavras e acontecimentos, que diziam respeito a Jesus (Lc.2,19.51). Maria é verdadeiramente “*a casa dos segredos*” de Jesus, a arca de todas as suas recordações. Discreta, Maria guardava e reunia, dia a dia, e todos os dias, no seu coração, a memória de tudo quanto via e ouvia de Jesus, e assim mesmo o transmitirá à Igreja, quando o Seu Filho ressuscitado partir para o Pai. Os apóstolos, que estavam reunidos, na sala da última Ceia, para receberem o Espírito Santo, contavam com a presença e a companhia de Maria, que lhes transmitia as saborosas recordações de Jesus, aquelas que Ela mesma guardara fielmente, em seu coração materno (cf. Bento XVI, *Porta fidei*, 13). Ela é, por assim dizer, a memória viva da Igreja, uma espécie de álbum de recordações de Jesus!

**4.** A esta luz, e neste tão belo Dia da Mãe, poderíamos, então, gravar, no coração, esta ideia muito simples: como Maria, cada mãe guardará, por certo, a história mais bela de cada Filho, dos seus alvores à sua maturidade adulta. Mas, como Maria, cada mãe cristã, deve guardar também, no coração, a Palavra de Jesus, para a ensinar e recordar aos próprios filhos! Quem dera que os filhos pudessem beber, com o leite materno, a doçura e a ternura do amor de Deus. Quem dera que os filhos pudessem aprender a soletrar as palavras do evangelho, nas canções de embalar! De modo, que no colo de Sua mãe, cada um aprendesse, a confiar-se e a entregar-se a Deus, numa entrega filial e amorosa, que dá alegria e paz ao coração. É esse aliás, o dom da piedade, que, nesta semana, invocamos do Espírito Santo e aprendemos de Maria. Por isso lhe dizemos, de todo o coração: *“Mãe, que guardas em ti o melhor que o mundo tem. Mãe, roga por nós! Amén!*

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C 2010**

***“Bem-vindo, Bento XVI:***

***Contigo caminhamos na Esperança. Sabedoria e Missão”!***

**1.** Estamos a dois dias, de termos o Papa Bento XVI, a entrar-nos pela casa dentro! O sucessor de Pedro, enviado de Cristo, vem visitar-nos, durante quatro dias, para nos ajudar a discernir, com a sabedoria do Espírito, novos caminhos de Missão! Vem à nossa terra, confirmar-nos na fé, com a sabedoria da Palavra, uma Palavra que não é d’Ele, nem é deste mundo, mas que recebeu de Cristo, como Cristo a recebeu do Pai! O Papa, Pastor Universal da Igreja (LG 22), vem animar-nos na esperança, de podermos construir, dia a dia, nestas Terras de Santa Maria, um pedaço daquela “*cidade santa*”, daquela cidade de Deus, iluminada pela luz do Cordeiro, imolado por amor (cf. Ap.21,10-23)! O Papa vem até nós, como verdadeiro missionário do Pai, para convocar o mundo e mobilizar a Igreja, para a caridade de Cristo! Por isso, quem acolhe o Papa, acolhe a Cristo, que o chamou à cadeira de Pedro e o enviou até nós!

**2.** São quatro dias intensos, para vivermos, por dentro, e mostrarmos aos de fora, o que é a Igreja de Cristo! Nos diversos encontros do Papa, com os consagrados, com os homens da cultura, com as instituições sociais, e nas celebrações ao ar livre, havemos de fazer, todos juntos, a experiência daquela primitiva comunidade cristã, descrita na primeira leitura deste domingo: a experiência de uma Igreja, que caminha, neste mundo, e neste tempo: uma Igreja, feliz, animada na sua missão, mesmo se tem problemas para resolver, tensões e discussões, em cima da mesa!

Mas, ainda assim, é uma Igreja, que não se demite nem se destrói, porque não se auto-constrói. Ela desce do alto, vem de Deus, é obra do Filho, Corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo! É uma Igreja, que não caminha sozinha, por um só pé, nem pelos seus próprios pés! Dá-lhe a mão e o dedo o Espírito Santo, que a guia e conduz na caridade e em busca da verdade plena (Jo.16,13)! Mesmo se os chefes da Igreja discutem e se defrontam - como aconteceu no chamado Concílio de Jerusalém - eles reúnem-se sobretudo para escutar a Palavra de Cristo, no Espírito Santo.

**3.** Por isso, na Carta enviada à Igreja, puderam colocar como remetente «*o Espírito Santo e nós*»! Dizem, no fim, com inusitada ousadia: «*pareceu bem ao Espírito Santo e a nós*» (Act.15,28)! Esta é a verdadeira Igreja: nós, a comunidade de fiéis, o Povo de Deus, com os seus pastores, chamados a fazer de guia do caminho, juntos com o Espírito Santo! É o Espírito Santo, o Consolador, o Defensor que faz a Igreja viver na presença de Deus, na escuta da Sua Palavra, e nos torna livres da inquietação e do temor, tendo no coração a Paz, que Jesus nos deixou (cf.Jo.14,26-27)!

**4.** Desafio, por isso, os cristãos da Senhora da Hora a dar testemunho do seu amor à Igreja, num tempo em que está tão fora de moda fazê-lo! Desafio-vos a sairdes à rua, aqui no Porto, para estar com o Papa, o mesmo é dizer, para manifestar a beleza e a riqueza de que a Igreja é portadora para este mundo! Porque vos desafio eu com esta insistência? «É que noutros contextos – como, por exemplo, aconteceu em Angola – só o facto de o Papa sair de sua casa em Roma, para ir ao encontro dos fiéis africanos, só isso, foi motivo de festa, com toda a gente na rua para acolher o Sucessor de Pedro. Será que temos esta “consciência apostólica” da Igreja, em Portugal? Já ouvi “bons” católicos dizer que preferem seguir tudo pela televisão. Não gostam de confusão – dizem, como desculpa. Este é o típico retrato da velha Europa: acomodada, rotineira e cansada da fé. Espero que os portugueses despertem deste comodismo e permitam que Bento XVI se sinta aqui como em sua casa»” (Aura Miguel).

**5.** Quem dera, pudéssemos, nesta visita do Papa a Portugal, dar “*cartas de fé, de esperança e de amor, em tempos de cólera*”! Quem dera pudéssemos apresentar à cidade a o mundo, o rosto de uma Igreja missionária, uma Igreja que cresce e aparece, não por uma espécie de caça ao homem, mas pela atração que suscita; cresce por aquela força missionária irresistível, que é a força da santidade! Quem dera pudéssemos, todos, por fim, dizer aos nossos irmãos de origem cristã ou de vida pagã: «*Nós e o Espírito Santo decidimos não vos impor mais nenhuma obrigação»* (Act.15,28) *«a não ser a do amor de uns pelos outros»* (Rom.13,8)!

Querido Papa, Bento XVI! Com fé e amor, Te aguardamos! Tens morada em nossos corações! Contigo caminhamos na esperança!

**HOMILIA DO PAPA BENTO XVI**

**Esplanada do Santuário de Aparecida  
VI Domingo de Páscoa, 13 de maio 2007**

A primeira Leitura, tirada dos *Atos dos Apóstolos*, refere-se ao chamado “*Concílio de Jerusalém*”, que considerou a questão de saber se aos pagãos convertidos ao cristianismo dever-se-ia impor a observância da lei de Moisés. O texto, deixando de lado a discussão sobre “*os Apóstolos e os* anciãos” (15,4-21), transcreve a decisão final, que vem posta por escrito numa carta e confiada a dois delegados, a fim de que seja entregue à comunidade de Antioquia (vv. 22-29). Esta página dos *Atos* fala-nos do sentido do *discernimento comunitário*, em torno dos grandes problemas que a Igreja encontra ao longo do seu caminho e que vem a ser esclarecidos pelos “Apóstolos” e pelos “anciãos” com a luz do Espírito Santo, o qual, como nos narra o Evangelho de hoje, lembra o ensinamento de Jesus Cristo (cf. *Jo* 14,26) ajudando assim a comunidade cristã a caminhar na caridade em busca da verdade plena (cf. *Jo* 16,13). Os chefes da Igreja discutem e defrontam-se, sempre porém em atitude de religiosa escuta da Palavra de Cristo no Espírito Santo. Por isso, no final podem afirmar: «*Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós*» (*At* 15,28).

Este é o “método” com o qual nós agimos na Igreja, tanto nas pequenas como nas grandes assembleias. Não é uma simples questão de procedimento; é o resultado da própria natureza da Igreja, mistério de comunhão, com Cristo, no Espírito Santo: «*Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós* ...». Esta é a Igreja: *nós*, a comunidade de fiéis, o Povo de Deus, com os seus Pastores, chamados a fazer de guia do caminho; juntos com o *Espírito Santo*, Espírito do Pai mandado em nome do Filho Jesus, Espírito d’Aquele que é “maior” que todos e que nos foi dado mediante Cristo, que se fez “menor” por nossa causa. Espírito Paráclito, *Ad-vocatus*, Defensor e Consolador. Ele nos faz viver na presença de Deus, na escuta da sua Palavra, livres de inquietação e de temor, tendo no coração a paz que Jesus nos deixou e que o mundo não pode dar (cf. *Jo* 14, 26-27).

O Espírito acompanha a Igreja no longo caminho que se estende entre a primeira e a segunda vinda de Cristo: «*Vou, e volto a vós*» (*Jo* 14,28), disse Jesus aos Apóstolos. Entre a “ida” e a “volta” de Cristo está o *tempo da Igreja*, que é o seu Corpo, estão esses dois mil anos transcorridos até agora; *Tempo da Igreja, tempo do Espírito Santo*: Ele é o Mestre que forma *os discípulos*: fá-los enamorar-se de Jesus; educa-os para que escutem a sua Palavra, a fim de que contemplem a sua Face; conforma-os à sua Humanidade bem-aventurada, pobre em espírito, aflita, mansa, sedenta de justiça, misericordiosa, pura de coração, pacífica, perseguida por causa da justiça (cf. *Mt* 5,3-10).

Deste modo, *graças à ação do Espírito Santo, Jesus torna-se a “Via” na qual caminha o discípulo*. «*Se alguém me ama, observará a minha palavra*», diz Jesus no início do trecho evangélico de hoje. «*A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que me enviou*» (*Jo* 14,23-24). *Como Jesus transmite as palavras do Pai, assim o Espírito recorda à Igreja as palavras de Cristo* (cf. *Jo* 14,26). E como o amor pelo Pai levava Jesus a alimentar-se da sua vontade, assim o nosso amor por Jesus se demonstra na obediência pelas suas palavras. A fidelidade de Jesus à vontade do Pai pode transmitir-se aos discípulos graças ao Espírito Santo, que derrama o amor de Deus nos seus corações (cf. *Rm* 5,5).

O Novo Testamento apresenta-nos *Cristo* como *missionário do Pai*. Especialmente no Evangelho de São João, Jesus fala de si, tantas vezes, a propósito do Pai que O enviou ao mundo. Da mesma forma, também no texto de hoje. Jesus diz: «*A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que me enviou*» (*Jo* 14,24).

Neste momento, queridos amigos, somos convidados a fixar o nosso olhar n’Ele, porque a missão da Igreja subsiste somente enquanto prolongamento da missão de Cristo: «*Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós*» (*Jo* 20,21).

O evangelista põe em relevo, inclusive de forma plástica, que esta consignação acontece no Espírito Santo: «*Soprou sobre eles dizendo: ‘Recebei o Espírito Santo...’* » (*Jo* 20,22). A *missão de Cristo* realizou-se *no amor*. Ele acendeu no mundo o fogo da caridade de Deus (cf. *Lc* 12,49). *É o amor que dá a vida*: por isso a Igreja é convidada a difundir no mundo a caridade de Cristo, para que os homens e os povos «*tenham a vida e a tenham em abundância*» (*Jo* 10,10).

A Igreja sente-se ***discípula e missionária do Amor***: *Missionária s*omente enquanto discípula, isto é capaz de deixar-se sempre atrair, com renovado enlevo, por Deus que nos amou e nos ama primeiro (*1Jo* 4,10). A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais *por “atração”*: como Cristo “atrai todos a si” com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim a Igreja cumpre a sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor.

Uma Igreja inteiramente animada e mobilizada pela caridade de Cristo, Cordeiro imolado por amor, é a imagem histórica da Jerusalém celeste, antecipação da Cidade santa, resplandecente da glória de Deus. Ela emana *uma força missionária irresistível*, que é *a força da santidade*.

A Virgem Maria alcance para a Igreja ser abundantemente revestida da força do alto (cf. *Lc* 24,49) para irradiar em todo o mundo a santidade de Cristo. A Ele seja dada glória, com o Pai e o Espírito Santo, nos séculos dos séculos. Amém.

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C 2007**

***“Deixo-vos a Paz. Dou-vos a minha Paz”!*** (Jo.14,27)

**1.** Que palavras de consolação, de confiança e de esperança, estas do amigo Jesus, no seu Discurso de Despedida! São palavras, que alentam e acalentam o coração dos discípulos, que se sentem já órfãos, ao ver chegar a hora, em que Jesus partirá deste mundo para o Pai. São palavras de Jesus que preparam os discípulos, para os tempos difíceis, da humana e desumana solidão, em que terão de habituar-se a viver com Jesus, sem a proteção calorosa do seu corpo visível. No meio da crise, que então rasgará de alto a baixo os seus corações, quando o virem estirado na Cruz e morto impiamente, nenhuma explicação interessará. Apenas o olhar da fé resistirá. A luz obscura da fé será então a sua única força e consolo.

**2.** Jesus promete, para os discípulos, nessa hora de dor, de amor e de saudade, o envio do *Espírito Consolador*, que lhes dará a sabedoria e a força que vêm do Alto. O Amor do Pai e do Filho, o Espírito Santo, será derramado no coração dos discípulos, e há de inebriá-los, com a brisa suave da sua presença, frutificando neles uma secreta alegria e uma paz inquieta! Essa Paz, dom do Ressuscitado, fruto do Espírito Santo, não é uma simples trégua no meio do combate. Essa Paz, não é tampouco a manutenção de uma ordem tranquila. Essa Paz é o próprio Cristo, que continuará vivo e presente, oculto mas atuante, mesmo se lhes parece ausente. Jesus comunica aquela Paz, capaz de vencer toda perturbação, temor e inquietude.

**3.** Irmãos caríssimos: A Paz é, sem dúvida, uma aspiração radical, que se encontra no coração de cada um. **Precisa de Paz o nosso coração**, quantas vezes ferido, órfão, magoado, triste, desamparado. Pode acontecer que alguém se sinta perseguido por doenças, pela agrura da pobreza, pela amargura da sua sorte ou da morte de um ente querido e então comece a discorrer em seu coração: «Deus não pode ser bom, senão não me tratava desta maneira». É uma revolta compreensível. Muitas vezes parece quase impossível concordar com Deus. Para encontrar a Paz do coração, aquela Paz que Jesus nos dá, é preciso clamar por Deus, reclamá-lo, bem para dentro de nós, para que Ele mesmo murmure, no segredo do coração, as palavras inefáveis do perdão, da cura e da reconciliação. Aí, Ele pode segredar-nos: «Eu sei que por agora não entendes. Mas confia em Mim. Acredita na minha bondade e arrisca viver desta confiança. Então compreenderás que por detrás do teu sofrimento, por detrás do pesado jugo da tua vida, se esconde um amor». Pelo contrário, se insistirmos em puxar pelo fio da nossa dor, se persistirmos em ouvir apenas os gritos do coração ferido, com as nossas justificações, lamentos e protestos, aumentará ainda mais o sentimento de frustração e abandono. De facto, quem se deixa dominar pela revolta, envenena a sua vida. O veneno da negação, da cólera contra Deus e contra o mundo destrói-o por dentro. «*Se queres a Paz, deixa-te consolar pelo Espírito Santo, cujo suave murmúrio ressoa bem dentro de ti. Fala com o teu Deus, a partir do lugar onde Deus te habita. É o seu Amor que te dá a paz*»! No meio da prova, Deus exige de nós uma garantia de confiança. Se arriscarmos esta confiança, poderemos encontrar grande felicidade e a Paz verdadeira, virá ao nosso encontro, justamente no meio da grande escuridão.

**4.** **De Paz precisa também este nosso mundo**, inquieto e atemorizado; por vezes, parece um mundo perdido e dominado, pelo poder do mal, do egoísmo e do medo. «*O mundo no qual vivemos é muitas vezes marcado por conflitos, violência e guerra, mas aspira ardentemente à paz*”[[1]](#footnote-1). Aspira não àquela Paz, como o mundo no-la dá: a paz de quem não quer problemas, a paz de quem não se quer aborrecer ou comprometer… a paz comprada por um qualquer interesse económico ou a troco de um qualquer sossego egoísta. O mundo aspira à Paz de Jesus: «uma Paz sem vencedores e sem vencidos» (Sophia M. Breyner).

**5.** Hoje, dia 13 de maio, todos «*estamos em Fátima*». Precisamente faz hoje “noventa anos, a celeste Rainha da Paz, para transmitir o auxílio divino e a promessa de uma esperança certa de Paz, apareceu em Fátima a três pastorinhos, cheios de espanto, enquanto guardavam o seu rebanho. Ao seu amparo têm recorrido muitos fiéis, que nos vários medos, perigos e angústias se valem da sua proteção” (Bento XVI).

**Maria acompanha-nos continuamente nesta luta pela Paz**, com a coragem e a confiança, de que «*o Príncipe deste Mundo*», não vencerá, o mal não prevalecerá. Esta confiança permite manter-se de pé, mesmo quando a nossa vida ou à vida à nossa volta são abaladas. Ela permite-nos avançar mesmo quando surge o fracasso!

Imploremos da Rainha Celeste, para o nosso coração e para o nosso mundo, a Paz que só Cristo pode dar! «*Cristo é, de facto, a nossa Paz*» (Ef.2,13)!

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C 2004**

*Vou partir, mas voltarei para junto de vós.*

**1.** São de esperança e de confiança, as palavras de Jesus, na hora da despedida. Enquanto os discípulos veem apenas, e de perto, o “*quadro negro*” da sua morte, e começam, por isso mesmo, a perder a paz, Jesus anuncia-lhes, para breve, a sua Páscoa, e com ela uma nova primavera do **Espírito Santo**, fonte de amor e de Paz.

«*Se me amásseis ficaríeis contentes de Eu ir para o Pai*» (Jo.14,28). Diz Jesus. Será bom para Ele, porque assim concluirá a sua obra de salvação. Será bom, para os discípulos, pois, se o Filho não partir para o Pai, o Espírito Santo não poderá vir para nós. O Espírito Santo, como dom do Pai e do Filho, só pode ser derramado sobre nós, através desse ato de entrega do Filho e de aceitação do Pai, que é o mistério pascal da sua morte e ressurreição. É aí, na Páscoa, que o Espírito Santo nos é dado. É então que a Igreja nasce. Nasce na Cruz, do lado aberto do Redentor, como sua Esposa, a Nova Eva, «*sem mancha nem ruga, mas santa e imaculada*» (Ef.5,29). E a Igreja, Esposa de Cristo, crescerá sempre, contando com a presença e a assistência do Espírito Santo. O Espírito Santo virá para lhe *ensinar e recordar todas as coisas (Jo 14,26)*. Deste modo, a partida de Jesus deste mundo para o Pai, não é mais do que um breve «*até já*».

**2.** Doravante, e desde muito cedo, a Igreja se une e reúne, em oração e em missão, na espera ardente, e na expectativa jubilosa, da última vinda de Jesus. Entretanto, «*até que Ele venha*» (I Cor.11,26), a Igreja sabe que não está só. Está com Ela, como alma do seu Corpo, o Espírito Santo.

São João, no Apocalipse, descreve-nos esta íntima união da Igreja ao Espírito Santo, quando nos põe a ouvir este diálogo: “***O Espírito e a Esposa*” dizem: “*vem***”; é um grito de esperança, em uníssono, a que o Senhor Jesus responde: «*Sim. Eis que venho em breve*». Diríamos que o Espírito Santo pronuncia esta invocação *com* a Igreja e *na* Igreja, para apressar a sua vinda, para animar a sua esperança, para dinamizar a construção do seu Reino, até ao seu acabamento final.

Segundo o testemunho do Livro dos Atos, também os Apóstolos, conscientes de que este Espírito Santo rezava e atuava neles e na Igreja, dizem, sem medo nem presunção: «***O Espírito Santo e nós decidimos*»** *(Act.15,28)*… E assim se vê quanto o Espírito Santo e a Esposa (a Igreja) rezam, celebram, falam e atuam a uma só voz.

3. Caríssimos irmãos: O Espírito Santo é dado à Igreja, a fim de que, pelo seu poder, todo o Povo de Deus, **se mantenha na esperança: naquela esperança em que já «fomos salvos»** *(Rom.8,24)***.** É a *esperança* da realização definitiva em Deus, a esperança do Reino eterno. O Espírito Santo, concedido aos Apóstolos como Consolador, *é o guarda e o animador desta esperança no coração da Igreja (cf. Dom. Vivif. 66).* **Esta esperança está *bem longe de ser passiva***: apesar de apontar para o Reino futuro, ela exprime-se **em trabalho e missão**, para que o Reino se torne presente já desde agora, através da instauração do espírito das bem-aventuranças, capaz de suscitar anseios eficazes de justiça, paz, solidariedade e perdão, mesmo na sociedade humana. *Este desejo e esta tensão para o futuro, transforma-se em missão*, para que o Reino se afirme de modo crescente, aqui e agora. À súplica da Igreja «*Vem, Senhor Jesus*!», une-se a outra invocação de Jesus: «*Venha a nós o teu Reino!*» (cf. *Mt* 6,10). **Por isso, Aquele que espera**, vigilante, o cumprimento das promessas de Cristo, **é capaz de infundir também esperança** nos seus irmãos e irmãs, frequentemente desanimados e pessimistas relativamente ao futuro (cf. *Vita Consecrata*, 27).

**4.** «No meio dos problemas, das desilusões, das esperanças, das deserções e dos retornos da nossa época, a Igreja continua fiel ao seu nascimento» *(Dom. Vivif. 66).* Persevera na oração, como os Apóstolos juntamente com Maria e os outros discípulos que aguardavam orando, a vinda do Espírito Santo, guardião da nossa esperança. Em pleno mês de Maio, a caminho do Pentecostes, mantenhamo-nos na companhia de Maria, Mãe da esperança. E em união com Maria, confiemos ao divino Esposo a Igreja, sua Esposa, particularmente esta Igreja que está na Europa, aguardando, em jubilosa esperança, a sua última vinda.

*(Esta súplica pode ser feita como remate da Homilia mas também pode ser feita em vez da Oração dos Fiéis – lida por todos, a uma só voz. Lida por uma ou várias pessoas; eventualmente intercalando as preces com uma invocação cantada…)*

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C 2001**

**1.** Com muito barulho à mistura, tivemos, esta semana, notícia divulgada da publicação da nova Lei do Ruído. Ao direito dos outros à paz e ao sossego, corresponde naturalmente o dever de todos à discrição do baixo-volume e, em certos casos, ao recolhimento e ao silêncio absolutos. Recordamos, a propósito, as palavras de um Prémio Nobel da Medicina (1973), Konrad Lorenz, na sua célebre obra “*Os sete pecados mortais da humanidade civilizada*”. Dizia ele: “*entre as sequelas mais perniciosas da pressa, figura a incapacidade do homem moderno de estar a sós com o seu próprio eu, ainda que seja por um breve lapso de tempo*”. Saudamos, por isso, esta medida ecológica e humanitária e esperamos a sua rápida e eficaz aplicação.

**2.** Mas quanto a nós, preferiríamos, ainda assim, em vez de uma Lei do Ruído, uma Lei do Silêncio! Porque o homem não carece apenas da ausência do ruído nem aborrece tão só a sonora gritaria de vozes e ruídos dispersos, mas precisa sobretudo de respiração interior, de recolhimento, de oração e contemplação. De tal modo que, longe da nuvem de pensamentos e desejos, que às vezes soltam asas precisamente na ausência do ruído, o homem encontre aquele silêncio que lhe ofereça paz interior, que o deixe respirar e descobrir o essencial que afinal lhe está oculto. Seria bom que, pelo menos, na Liturgia, nos fosse dado viver esta experiência. «*Cada vez compreendemos melhor que também o silêncio faz parte da Liturgia. Quando Deus fala, respondemos cantando e orando, mas o grande mistério que excede todas as palavras, apela ao silêncio. Com efeito esse silêncio deve ser um silêncio pleno, mais do que apenas a ausência da palavra ou da ação*» (J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da Liturgia*, Ed. Paulinas, 2001, 154). Mas infelizmente nem sempre o nosso caminho para a Igreja é marcado pelo desejo de uma viagem interior à nossa realidade mais profunda. E, quantas vezes, o silêncio aqui, se demorado, nos sabe logo a um certo amuo, ou nos parece um tempo morto, que urge preencher, nem que seja com um toque de música ou uma tosse dissonante. Já para não falar do atrevido toque de telemóvel.

**3.** O Evangelho de hoje reclama, indiretamente, esta Lei do silêncio. Num Discurso de Despedida, denso de silêncio, não cabem palavras vãs. E Jesus, na intimidade da Última Ceia, dita o seu Testamento, falando do fundo da sua alma, para as profundidades do nosso coração. Jesus apela para o essencial e dita-nos esta Lei da escuta: «*Quem me ama, guardará a Minha Palavra*». «*Guardar*» é «*ser todo-ouvidos*» à Palavra, ser como uma espécie de esponja que absorve, de imediato e por inteiro, a pinga de água que lhe cai e escorre por dentro. O silêncio interior daquele que sabe escutar é o seio onde germina e donde brota a Palavra, se esta não se quer vazia ou levada pelo vento.

**4.** Mas o silêncio que acolhe a Palavra, que é Cristo, é também um espaço de respiração interior, que permite descobrir uma presença oculta, um hóspede íntimo, o próprio mistério de Deus Amor, que nos habita: «*Quem me ama, guardará a minha Palavra e meu Pai o amará. Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada*». O homem, cada um de nós, precisa deste silêncio, que o ensine a «*habitar*» o seu próprio interior, a ser inquilino de si mesmo e a descobrir-se «*morada»* de Deus, arca da aliança e do amor do Pai e do Filho, Templo do Espírito Santo. Neste sentido, «*o silêncio, longe de ser sintoma de uma espécie de amuo diante de Deus, torna-se um momento de graça vivificante, em que se cala a criatura, mas fala o Espírito*» (cf.A. Bugnini). De certo modo, se pode dizer, que o silêncio é uma homenagem que a Palavra presta ao Espírito, deixando-o respirar, fluir e refluir dentro de cada um de nós. De modo que, no silêncio da Oração, seja o próprio Espírito Santo a rezar em nós, com *gemidos inefáveis*, (cf.Rom.8,23.26) clamando em nossos corações «*Abba, Pai*» (Gal.4,6). Só o silêncio abre espaço a este Espírito, que nos ensina e recorda, que nos faz descobrir e sentir a verdade e a força da Palavra de Cristo.

**5.** Que o silêncio nos conduza à descoberta do essencial. Mesmo aqui, ao abrigo do esplendor deste Templo, o silêncio nos «*transporte em espírito ao cimo de uma alta montanha e nos mostre a cidade santa*» (Ap.21.10), nos faça descobrir o essencial deste encontro e da nossa vida cristã: o de sermos amados e habitados pelo Amor de Deus, derramado em nossos corações. O Silêncio, de facto, brota da Palavra e torna mais consciente a nossa vida oculta com Cristo em Deus (cf.Col.3,3). Exorto-vos por isso, a que nas vossas casas e até nas vossas viagens, haja espaços de silêncio, uma espécie de muralha, a defender-vos da dispersão e a reconduzir-vos ao centro de tudo, que é Deus!

Nunca é de mais, em pleno mês de Maio, recordar e propor-vos Maria, a mulher do silêncio, em cujo seio o Espírito fecundou a Palavra. O seu silêncio resume-se na conhecida anotação do evangelista: «*Maria guardava todas as coisas em seu coração*» (Lc.2,19).

«*Se alguém me ama, guardará a Minha Palavra, Meu Pai o amará e faremos nele a nossa morada*» (Jo.14,23).

**Homilia no VI Domingo de Páscoa C 1998**

“*Quem me ama, guardará a minha Palavra. Meu Pai o amará. Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada*”!

**1.** Deus, mistério de Amor, procura em nós a sua morada santa! Deus, família divina, comunhão eterna de vida e amor, deseja e busca o homem, como santuário da sua glória... Àquele que O acolhe, que guarda a Palavra de seu Filho, Deus vem. Vem até nós, em diálogo de amor, partilhar o mistério mais profundo da sua vida com o segredo mais íntimo da nossa. Somos, no mais recôndito de nós próprios, habitados por um mistério, queridos como sacrário, escolhidos como templos vivos, por onde paira e respira esse alento do Pai e do Filho: o Espírito Santo. Somos morada santa, Templo do Espírito Santo.

**2.** A cada instante, Deus pronuncia esta palavra de Amor e de sempre, na espera humilde de que a guardemos. Pois é só nesta abertura do coração à Palavra, que o homem pode ver a Luz de Deus. «*Na vossa Luz, Senhor, veremos a Luz*» (Sal.36,10). É aí, nessa participação do amor divino, que o homem percebe o sentido de Deus para a História e para a trama da sua Vida. É aí, na partilha da intimidade do Pai e do Filho, que o homem vive e recorda a sua pertença e a sua vocação ao Amor. “*O Espírito Santo ensinar-vos-á todas as coisas*”! Disse Jesus. «*Ensinar-nos-á*», porque nos tornará participantes daquele olhar com que Deus vê o mundo e o homem. «*Ensinar-nos-á*», porque permeará o mais íntimo dos nossos corações com a luz da fé. Fazendo-nos ver todas as coisas desde dentro, a partir do Alto. Fora desta «intimidade», o homem não encontra a Verdade, não chega à beleza do mistério de Deus nem à verdade do mistério do homem e da sua dignidade.

**3.** Não raro, confuso e desorientado, o homem deste tempo parece não conhecer mais o limite entre o bem e o mal... chegando ao absurdo de perder a memória da sua origem, a consciência da sua dignidade e o horizonte da sua vocação a ser mais alto, mais alguém. É assim que o mesmo Estado, que penaliza a destruição do ovo da rola brava e então o protege por lei, quer agora despenalizar o aborto de uma vida humana e, deste modo, fechar os olhos a tão infame crime...

**4.** O homem deste final de século, tão demasiadamente desenvolvido na racionalidade técnica e tão subdesenvolvido na atenção ao homem, às suas aspirações e ao seu mistério, perdeu a alma da sua alma. É urgente devolver ao homem o seu universo interior, reconstruir a sua morada sagrada. O que se torna impossível sem o cultivo de uma autêntica «vida espiritual», inspirada e sustentada pelo Espírito, alimentada de oração e orientada para a ação. Porque bem precisa de «alma», a alma deste mundo. Bem precisa do sopro do Espírito eterno o espírito apagado desta época. Para «ensinar e recordar» ao homem a lei do amor e da vida, já inscrita pelo Espírito do Deus vivo sobre as tábuas de carne do seu coração. Para que não se transforme a si mesmo no umbigo do mundo e olhando-se, orgulhosamente só, não tope com o espelho do seu vazio.

Neste estado d'alma, não deixemos de rezar: *Vinde, Espírito Santo. Fazei de nós a vossa morada!* Para que tenhamos o Deus vivo no coração e estejamos vivos no coração de Deus...

**Homilia no VI Domingo da Páscoa C 1995**

Por onde anda esse Cristo de há dois mil anos, que nos deixou a promessa do retorno e a certeza da sua presença no meio de nós? Onde se abriga afinal o mistério de tal presença? Será esse Cristo apenas uma memória exemplar do passado que tornamos presente pela sua imitação[[2]](#footnote-2)? Ou, como quiseram alguns[[3]](#footnote-3), habitará Ele apenas no labirinto do nosso desejo, estará Ele vivo na sede de Absoluto e de Vida, próximo só na medida em que fugíssemos deste mundo e elevássemos o pensamento para Ele?... Como se não fosse Jesus a vir até nós mas nós a chegar até Ele, por um esforço de libertação em relação ao mundo?!... Como pode o homem deste século chegar à relação pessoal com um Cristo, com um Cristo que não seja apenas o reflexo do meu pensamento, mas que se torne nosso companheiro e nosso conterrâneo?

É o próprio Jesus que diz: «*Vou partir mas voltarei*». E a sua presença em nós não depende do nosso esforço nem da nossa imaginação. Ele próprio nos abre o caminho e se faz nosso contemporâneo: «***Quem me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará. Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada***». Quer dizer, quando o crente acolhe a Palavra e O ama, quando adere à Pessoa de Jesus e O segue, está aberto dentro de si o espaço onde Ele pode habitar, o «templo» onde pode morar. Na medida em que o coração se deixa mover pela Palavra e a guarda, abre o espaço do encontro, onde o mistério do amor de Deus estabelece a sua «*morada*».

Esta presença de Cristo em nós não é, portanto, fruto de uma imitação exemplar nem de um esforço anormal. Esta presença real, esta «habitação» do mistério do Amor divino em nós, é obra do Espírito[[4]](#footnote-4), o mesmo é dizer, é obra do Amor do Pai e do Filho em nós. Pois, se esta comunhão com Cristo vem pela obediência à sua Palavra e pelo acolhimento amoroso de Jesus, tal obediência e acolhimento vêm do Espírito. É o mesmo Espírito que «***ensina e faz recordar***».

É o Espírito que abre a inteligência e o coração do Homem à Palavra. E ao abrir à Palavra, abre espaço ao dom inefável de uma presença divina. Portanto, é o Espírito que torna presente Cristo no coração do crente. E Jesus garante-nos nesta obediência amorosa a sua morada em nós. *«Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada».* O Templo deixa de ter lugar. Primeiro, porque é o próprio Cristo Ressuscitado o lugar do nosso encontro com Deus em espírito e em verdade. O próprio Cristo nos introduz com Ele na comunhão com o Pai. Segundo, porque esta «inabitação», esta «coabitação» de Deus connosco, dá-se no centro do nosso ser, no coração. «*Faremos nele a nossa morada*».

O homem unido a Cristo, torna-se «sacrário do mistério». Deus habita a nossa humanidade, preenche-nos da sua glória, irradia-nos da sua luz. Em nós, o Amor divino encontra «a sua morada». De modo que o Pai e o Filho nos coabitam na intensa maravilha do amor. Não apenas como memória ou espírito. Mas como presença e Vida...de tal modo que «Deus é-nos mais íntimo a nós que nós a nós próprios»[[5]](#footnote-5). Eis o mistério que nos habita!...

**Súplica a Maria, Mãe da esperança**

João Paulo II, *Ecclesia in Europa* 125

**1.** Maria, Mãe da esperança,

*caminhai connosco!*  
Ensinai-nos a anunciar o Deus vivo;  
ajudai-nos a dar testemunho de Jesus, o único Salvador;  
tornai-nos serviçais com o próximo,

acolhedores com os necessitados,

obreiros de justiça,

construtores apaixonadosdum mundo mais justo;  
intercedei por nós que agimos na história  
certos de que o desígnio do Pai se realizará.

**2.** Aurora dum mundo novo,  
mostrai-Vos Mãe da esperança e *velai por nós!*Velai pela Igreja na Europa:

que ela seja transparência do Evangelho;  
seja autêntico espaço de comunhão;  
viva a sua missão de anunciar, celebrar e servir

o Evangelho da esperança, para a paz e a alegria de todos.

**3.** Rainha da paz,

*protegei a humanidade do terceiro milénio!*Velai por todos os cristãos:

que eles prossigam cheios de confiança

no caminho da unidade,  
como fermento para a concórdia do continente.

**4.** Velai pelos jovens, esperança do futuro:  
que eles respondam generosamente ao chamamento de Jesus.

Velai pelos responsáveis das nações:

que eles se empenhem na construção duma casa comum,

onde sejam respeitados a dignidade e o direito de cada um.

**5.** Maria, *dai-nos Jesus!*  
Fazei que O sigamos e amemos!  
Ele é a esperança da Igreja,

da Europa e da humanidade.  
Ele vive connosco, entre nós, na sua Igreja.  
Convosco dizemos: «*Vem, Senhor Jesus*»!  
Que a esperança da glória,

por Ele infundida nos nossos corações,  
produza frutos de justiça e de paz!

**ROSÁRIO DA PAZ – 6.º domingo de Páscoa**

**1.º Mistério:** No centro de todas as aparições marianas, entre as quais a de Fátima, é constante a solicitude de Maria, por guiar a Humanidade, nos caminhos da Paz, mostrando-lhe os meios de a alcançar. No ano do Rosário (2003-2004) o Papa colocava como intenção e fruto principais desta Oração a Paz[[6]](#footnote-6). Dizia João Paulo II: «A mensagem de Fátima destina-se de modo particular aos homens do nosso século, marcado pelas guerras, pelo ódio, pela violação dos direitos fundamentais do homem, pelo enorme sofrimento de homens e nações e por fim, pela luta contra Deus até à negação da sua existência.»

┼ Maria, Virgem Imaculada e gloriosa, traz-nos «em corpo e alma» esta certeza viva da fé: “por mais radical que seja o mal, nunca é tão profundo como a bondade”[[7]](#footnote-7).

**2.º Mistério:** A Mensagem de Fátima inclui o anúncio e a promessa da Paz para o mundo.O Anjo das Aparições intitula-se «da paz» e convida a não ter medo» (cfr. Memórias, 152). Nossa Senhora anuncia a possibilidade e os meios para obter o bem da paz para os homens. Um dos meios, porventura o mais potente, é a oração, alimento indispensável da vida cristã. A primeira saudação ou recomendação que fez a Senhora foi que não tivessem medo. E o primeiro pedido foi que se rezasse para se alcançar o "fim da guerra".

┼ Com Maria, aprenderemos sempre a não ceder à tentação do desencorajamento e da desconfiança, na luta pela Paz. Ela acompanha-nos nesta luta pela Paz ou, se quiserem, nesta «peregrinação de confiança através da Terra».

**3.º Mistério.** A Paz apoderou-se de Maria. Nela, o pecado, o principal agente ou vírus corrosivo da Paz, não entrou, nem prosperou. O seu coração, imaculado, não conheceu qualquer espécie de desordem, e por isso Maria se tornou terra fértil, onde floresceram “*a justiça e a Paz para sempre”* [Sal.72 (71) 7]). Só a libertação do pecado, pode dar a Paz.

┼ Maria, entre todas as criaturas, refulge como o mais belo exemplar do esplendor da Paz, como se dos seus olhos irradiassem sempre a Luz, do Filho que «*é, de facto a nossa Paz*» (Ef.2,13).

**4.º Mistério.** Assim, ainda que humanamente nos pareça difícil olhar o futuro com otimismo, ainda que nos pareça que a “*cauda do mal arrasta o céu e se alastra pela Terra”* (*Ap* 12,4), há sempre um sinal de esperança. A Virgem Maria está diante de nós, como *Rainha da Paz*. Devemos trabalhar pela Paz, com coragem, com a confiança de que o mal não prevalecerá. «Esta confiança permite manter-se de pé, onde as sociedades humanas são abaladas. Ela permite avançar mesmo quando surge o fracasso».

┼ Segundo a visão profética de São João, no Apocalipse, Maria está bem no coração desta luta pela Paz, «*contra o Príncipe deste Mundo*» (Ef.1,2), e coopera na vitória alcançada pelo Príncipe da Paz!

**5.º Mistério:** Eis-nos diante da doce figura de *Nossa Senhora da Paz*, como que apontando-nos o Rosário, como silenciosa, simples e eficaz arma da Paz! “O Rosário *é, por natureza, uma oração orientada para a Paz,* precisamente porque consiste na contemplação de Cristo, Príncipe da Paz e «*nossa Paz*» (*Ef* 2, 14).

Devido ao seu caráter meditativo, com a serena sucessão das “*Ave-marias*”, o Rosário exerce uma ação pacificadora, sobre quem o reza, predispondo-o a receber, a experimentar e a espalhar ao seu redor aquela Paz verdadeira, que é um dom especial do Ressuscitado (cf. *Jo* 14, 27; 20, 21).

O Rosário é oração de Paz também pelos frutos de caridade que produz. O Rosário, ao mesmo tempo que nos leva a fixar os olhos em Cristo, torna-nos também construtores da Paz no mundo!

┼ Pelas suas características de petição insistente e comunitária, em sintonia com o convite de Cristo para «orar sempre, sem desfalecer» (*Lc.*18, 1), o Rosário permite-nos esperar que, também hoje, se possa vencer uma “batalha” tão difícil como é a da Paz.

**Rainha da Pa**

1. Bento XVI, *Homilia no início do Pontificado* (20.04.2005). [↑](#footnote-ref-1)
2. A época moderna olha para Cristo antes de mais como para o exemplo, para o modelo ideal. Cf. Kant, *A Religião nos limites da razão*; a teologia liberal do século XIX. [↑](#footnote-ref-2)
3. cf. Kierkegaard, *Exercício do cristianismo*. [↑](#footnote-ref-3)
4. Seguimos nesta reflexão (e nas anteriores) a meditação cristológica de Bruno Forte, *Na memória do Salvador*, Ed.São Paulo, Lx 1994, 141-144 [↑](#footnote-ref-4)
5. cf. Sto. Agostinho. Conf. III,6,1111: CCL 27,33. [↑](#footnote-ref-5)
6. Cf. SÃO JOÃO PAULO II, *Rosarium Virginis Mariae*, 6; 40 [↑](#footnote-ref-6)
7. FREI ROGER, *Carta à Família de Paul Ricouer*, cit. por ANTÓNIO MARUJO, *A confiança do coração*, in Público (18-08-2005), pág. 20. [↑](#footnote-ref-7)